

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS SOB A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE HUMANA

2019

Renata Monteiro Silva

Psicóloga graduada pela Faculdade da Amazônia campus Vilhena/RO (Brasil)

renatamonteirosilva@gmail.com

Eldessandra Santos da Costa

Psicóloga Esp. Docente da Faculdade da Amazônia – FAMA campus Vilhena/RO (Brasil)

eldessandra@hotmail.com

Maria Rosa de Oliveira

Psicóloga Esp. Docente da Faculdade da Amazônia – FAMA campus Vilhena/RO (Brasil)

psicóloga.mariarosa@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende através do objetivo geral descrever sob a importância das redes sociais e os fatores que auxiliam na subjetividade humana, bem como, a contribuição da psicologia neste contexto. Para tanto, é necessário identificar o conceito de subjetividade, a relação com a psicologia e a necessidade de produção, dentro das limitações dos conceitos de redes sociais. Realizou-se, então, uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados BVS-PSI, SCIELO, buscando dados científicos no período de 2007 a 2019. Diante disso, verifica-se uma noção de subjetividade e como ela nos coloca em uma relação com o mundo, onde o homem é um ser que se constitui ao longo de sua vida, agindo, interagindo e transformando seu meio social. Certamente é uma relação muito complexa e precisa ser aprofundada para melhor entendimento, inclusive, das diferentes perspectivas da subjetividade com outras abordagens psicológicas. Assim, fica claro, que a necessidade de mudança na postura em relação à visão reducionista, popularizada pelo senso comum, sobre o objeto de estudo da psicologia. O que impõe a constatação de que, a subjetividade é construída através das relações sociais, portanto, é imprescindível entrelaçar este assunto a tecnologia, visto que tal fenômeno ganhou tamanha relevância nos dias atuais.

Palavras-chave: Rede sociais, subjetividade, influência, psicologia.

Copyright © 2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



1. INTRODUÇÃO

Anexada ao cotidiano das pessoas, as redes sociais se tornam um meio de socialização indispensáveis nos tempos atuais. Representada por diversas formas e sistemas, as redes sociais possibilitam a expressão de opiniões, ideias, manifestos, sentimentos, preferências, expressões pessoais, imagens, vídeos entre outros. Sem a limitação de caracteres e a extinção dos espaços geográficos, as redes sociais tornam-se um verdadeiro palco para relatos da vida privada, dessa forma, a subjetividade passou a ser vista nitidamente nas postagens, comentários e compartilhamentos.

Conforme o dicionário - online - Subjetividade é o caráter do que é subjetivo; *adj.* “Que diz respeito ao sujeito. Que se passa no íntimo do sujeito pensante (por opôs. a objetivo, que diz respeito ao objeto pensado). Que varia de acordo com o julgamento, os sentimentos, os hábitos etc. de cada um; individual” (...). Nestes termos, a subjetividade engloba todas as particularidades inerentes à condição de ser do sujeito, envolvendo as capacidades sensoriais, afetivas, imaginárias e racionais de um determinado indivíduo, em todas as suas expressões.

Em consideração a repercussão que se tem observado mediante ao conceito de subjetividade e em contrapartida a extensão e importância que as redes sociais possuem atualmente, torna-se essencial discutir esse entrelaçamento entre dois conceitos: problematizando as influências das redes sociais diante da subjetividade humana.

Este trabalho discute fatores que auxiliam na construção da subjetividade dentro das redes sociais. Tal questionamento, da subjetividade acerca das redes sociais, oferece diante da possibilidade da construção de múltiplas identidades dentro deste novo cenário dos meios de comunicação.

Desta forma, este trabalho apresentou como objetivo geral descrever sob a importância das redes sociais e os fatores que auxiliam na subjetividade, bem como, a contribuição da psicologia neste contexto. Evidenciando o objetivo específico em identificar o conceito de subjetividade, a relação com a psicologia e explicar sobre essa necessidade de produção, dentro das limitações dos conceitos de redes sociais.



Considera-se a realização deste trabalho bastante oportuno, devido ao baixo número de trabalhos abordando esta temática na área da psicologia. O interesse pela temática decorre em prol do crescimento das redes envolvendo a subjetividade e principalmente pela própria experiência e observação durante o uso das redes sociais.

Para discutir tal relação foi realizado a revisão de pesquisa bibliográfica nas bases de dados BVS-PSI, SCIELO com a finalidade de analisar artigos relacionados a essa temática em artigos científicos no período de 2013 a 2019.

1.1. O conceito da subjetividade

No final da década de 80, a subjetividade¹ passou a ser considerada um problema social, histórico e política. A decadência do conceito de identidade, nesse mesmo século, exalta a busca pelas diferenças, entretanto, a subjetividade passa a ser vista como uma alternativa a problematização da identidade entrelaçada por Kant, que surge em meios as preocupações quanto a produção de conhecimento (FILHO; MARTINS, 2007).

Em contrapartida a reflexão cartesiana destaca que:

O espírito pensa e sente (por estar ligado ao corpo) na medida que tem um “EU” racionalmente consciente de si mesmo. Sentir é, no limite, pensar. Entronizada a razão deve sempre transparecer na representação e no sujeito. Esse último termo deve ser entendido como um “suporte” ou um “sustentáculo”, isto é, uma identidade capaz de sustentar ou servir de fundamento para a mudança: ainda que mudem as qualidades acidentais, o sujeito permanece idêntico a si mesmo (SODRE, 2006, PAG 33 ABOUT CAMPANHOLE; MOURA, 2013).

Santtaela (2010) descreve que, a subjetividade é originada “por componentes semióticos irreduzíveis a uma tradução em termos de significantes estruturas e sistêmicos”. Na visão do autor, a subjetividade é o que inventa e modifica os modos de perceber e sentir do sujeito.

Para o autor, a subjetividade se apoia na complexa topologia da dobra, permitindo-nos seguir labirintos, percorrer diversas camadas, entretecendo junto coisas diferentes, estabelecendo o continuum através de transições insensíveis, numa transversalidade entre planos (SANTTAELA, 2010).

¹ De acordo com o dicionário Aurélio, **Subjetividade** é entendida como o espaço íntimo do indivíduo, ou seja, como ele "instala" a sua opinião ao que é dito (mundo interno) com o qual ele se relaciona com o mundo social (mundo externo), resultando tanto em marcas singulares na formação do indivíduo quanto na construção de crenças e valores compartilhados.

Pesquisadores passaram a compreender que, a subjetividade é “produzida pelas redes e campos de forças sociais” e que “as máquinas infocomunicacionais estariam propiciando profundas transformações nos dispositivos de produção das subjetividades” (SANTTAELA, 2010).

Para Jacques (2016) esclarece que, a subjetividade é entendida como o espaço íntimo do indivíduo, ou seja, como ele “instala” a sua opinião ao que é dito (mundo interno) com o qual ele se relaciona com o mundo social (mundo externo), resultando tanto em marcas singulares na formação do indivíduo quanto na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que vão constituir a experiência histórica e coletiva dos grupos e populações. A Psicologia social utiliza frequentemente esse conceito de subjetividade e seus derivados como formação da subjetividade ou subjetivação.

2. REDES SOCIAIS

As redes sociais são sistemas criados com a finalidade de incrementar os relacionamentos humanos. Presente no cotidiano das pessoas a internet se tornou um espaço de socialização entre elas. A expansão tecnológica trouxe consigo a ampliação das “possibilidades de viver”, transformando-a num estilo de vida focada cada vez mais nos eventos do cotidiano (DALMASO, 2015).

Para Santtaela (2010), o principal aspecto é o da aplicação direta para a construção de identidade e intersubjetividades mediadas por sistemas computacionais. Assim, pode-se compreender nesse meio de comunicação, o surgimento da produção da subjetividade e de seu poder que nelas estão surgindo.

Os sites das redes sociais aperfeiçoaram por intensificar as “manifestações de auto expressão”, caracterizando como um diário. Nessa perspectiva, a mesma autora enfatiza que, a “subjetividade passa a ser marca identificatória dos blogs”, vistos que através dos textos, neste caso que, o sujeito poderá se fazer reconhecer.

Os autores constataram que existe uma “necessidade” dos usuários serem “ouvidos, manifestando opiniões e gostos, como também por manter ou estabelecer novas amizades”. Ressaltam também que, estes são aspectos positivos com relação ao uso das redes sociais em relação a “formação e a identificação com grupos de interesses em comum” (OLIVEIRA; ARAUJO; FIGUEIREDO, 2017).

Para Silibia (2008) explica que, “as novas formas de expressão e comunicação que conformam a Web 2.0 são, também, ferramentas para a criação de si. Esses instrumentos de auto estilização agora se encontram à disposição de qualquer um”.

Aguiar, Marques (2011) afirmam que, o ciberespaço além de permitir troca de informações, possibilita “sentimento de pertencimento”. Dessa forma, o ato de se estar online faz com que o usuário sinta-se inserido em uma comunidade, menos controlada, mas detentora de regras e normas, como se tivesse fisicamente presente em determinada comunidade.

Atualmente, em especial nesse século, os autores destacam que, a tecnologia possibilitou ao homem novas formas de relacionamento com o meio social, proporcionando um novo modelo de se utilizar o tempo e o espaço (OLIVEIRA; ARAUJO; FIGUEIREDO, 2017).

Colvara (2007) saliente que, a evolução tecnológica não apenas sofisticou os meio de comunicação, mas também fez surgir uma nova cultura, tal essa dominada pela tecnologia.

Entretanto, Lídia Silva (2001) esclarece que:

“A internet é simultaneamente o real e o virtual (representacional), informação e contexto de interação, espaço (site) e tempo, mas que altera as próprias coordenadas espaço-temporais a que estamos habituados, em que são construções social partilhadas. Esta construção é estruturada pelos laços e valores sociopolítico, estéticos que tipificam esse novo espaço antropológico”.

As redes sociais, em especial, vem gerando certa “incapacidade de regeneração subjetiva”, vista que tal meio de relacionamento reflete diretamente na construção da subjetividade. Destaca-se que a tecnologia foi responsável por transformar e marcar o mundo como um local desestabilizado, em termos de relacionamento, “projeto e da própria ciência”. No entanto, é refletido de maneira acentuada e pontual, onde se vê a grande quantidade de ídolos *teen*, que surgem indiscriminadamente, propondo por seus comportamentos um perfil subjetivo ideal (OLIVEIRA; ARAUJO; FIGUEIREDO, 2017).

De acordo com Oliveira; Araújo; Figueiredo, (2017) o intuito desses novos meios de comunicação, é possibilitar a troca de informações entre os membros agregados a mesma rede social “embasados no compartilhamento e convergências da pluralidade dos conhecimentos dos sujeitos”. Entretanto, observa-se certo grau de vulnerabilidade com relação às más interpretações que os usuários estão expostos.

Para Lévy (2007), “o virtual é precisamente o modo de existência de que surgem tanto a verdade como a mentira”. Embora tais tecnologias revelam-se indispensáveis nos dias atuais o

mesmo autor critica o impacto da tecnologia sob a sociedade, apresentando nos distintas formas, sendo:

“De isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela), de dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais), (...) e mesmo de bobagem coletiva (rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulos de dados sem qualquer informação, “televisão interativa”.

De acordo com Colvara (2007), está nova cultura (dominada pela tecnologia) fez surgir, também, “o prazer de aparentar ser alguém, de pôr em práticas suas idealizações. A autora afirma ainda que, a “tecnologia é um componente que exige racionalidade para o seu uso, mas também uma grande porção de criação por parte de seus idealizadores”.

3. INFLUÊNCIAS DAS REDES SOCIAIS NA SUBJETIVIDADE HUMANA

A comunicação no meio digital estabelece uma relação entre o eu e o outro, “rodeadas de ambiguidades, geradas, por exemplo, pelo potencial para o anonimato, para a construção de múltiplas identidades nos espaços plurais que a internet propicia”. A partir deste consenso, tem-se a ideia de que subjetividade são produzidas (SANTAELLA, 2007).

Félix Guattari (in: MANSANO, 2009) também esclarece este mesmo consenso de que a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no meio social, tendo como matéria prima os sentidos, valores e ideais. Percebe-se assim que, as redes sociais servem como novos modos de relacionamento, consequentemente servindo de “molde” da subjetividade de seus usuários. Seguindo essa linha de raciocínio poderíamos afirmar que as redes sociais se colocam como “construtor” das imagens de seus respectivos usuários, na medida em que estes expõem suas emoções e sentimentos, sejam elas expostas verbalmente ou não.

Dalmaso (2013) esclarece que, nas redes sociais, os usos de emoticons são utilizados a fim de demonstrar simpatia, e que letras maiúsculas podem servir para inserir algum tipo de sentimento a postagem, além da linguagem informal que soa como um ar de conversação. A autora ressalta ainda que é através desta relação “do que somos” que construímos nossas auto identidades, reinventadas do verdadeiro “eu” e que “os outros” influenciam e constituem essa definição através de compartilhamentos de ideias e pensamentos.

Desse modo, as relações estabelecidas nas redes sociais não apenas expõe como também interfere na construção da identidade individual (do “eu”). A autora esclarece que a construção do nosso eu não está sob nosso total controle, pelo fato de nossas interações online interferirem na

construção desta. Portanto, ressalta-se que a construção de identidades multifacetadas são reflexos de interações entre o eu e o outro, seja online ou não (DALMASO, 2013).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou explicar sobre essa necessidade de produção, dentro das limitações os conceitos de redes sociais e subjetividade, ressaltando a influência entre tais conceitos. A ideia para discutir o assunto nasceu da própria experiência e observação durante o uso das redes sociais. Assim, tal experiência proporcionaram questionamentos que levam as pessoas a quererem tanto ser reconhecidas.

Em concordância Sibilia (2008) afirma que, as pessoas desejam que suas subjetividades sejam admiradas pelos demais, e é exatamente o que tens exaltado suas qualidades, demonstrando-as com o intuito de se parecer alguém interessante, digno de valorização, além da necessidade.

Do ponto de vista social considera-se que a subjetividade são as ideias que só se tornam subjetivo quando há compartilhamento de opiniões, ou seja, um meio de socialização. O fator é que, a identidade da pessoa vai se modificando de acordo com o convívio no meio social, consequentemente as redes sociais mostram o que é agradável ou não a sociedade, contudo, caberá às outras pessoas concordarem ou não isto é, há solidificação ou não interligando os meios de socialização que acontecem nas próprias redes. Porquanto é onde expressam opiniões, e onde também, influenciam na subjetividade de outros indivíduos.

De forma bem preliminar, proporcionou ter uma noção de subjetividade e como ela nos coloca em uma relação com o mundo, onde o homem é um ser que se constitui ao longo de sua vida, agindo, interagindo e transformando seu meio social. De uma forma bem introdutória, nos leva a entender que a construção da subjetividade vem dessa relação com o mundo social, e que a relação entre indivíduo e sociedade implica na consideração da subjetividade e da objetividade na perspectiva da constituição recíproca de um e de outro.

Certamente é uma relação muito complexa e precisa ser aprofundada para melhor entendimento, inclusive, das diferentes perspectivas da subjetividade com outras abordagens psicológicas. Fica claro, que se faz necessário uma mudança de postura em relação à visão reducionista, popularizada pelo senso comum, sobre o objeto de estudo da psicologia. Nestes termos, é notório que muito se tem a levantar e confrontar, fazendo necessário um aprofundamento do tema e das práticas de subjetivação de Michel Foucault, que na verdade não foi citado diretamente no trabalho, mas influenciou o despertar do tema para desenvolvimento do mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURÉLIO Buarque de Holanda Ferreira. Dicionário da língua portuguesa, 5.^a edição, ISBN: 978-85-385-8311-0, Ano de publicação: 2014. Acesso em 08 de março de 2019.

CAMPANHOLE, Sidney Gomes; MOURA, Vagner Aparecido. Entre o eu e o outro nas relações de subjetividade nas redes sociais. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.6, n.16, p.41-64, fev.-mai. 2013. Acesso disponível em 07 de março de 2019.

DALMASO, Silvana Copetti. A vida exposta nas redes sociais: apontamentos sobre identidade, construção e representação do eu. Acesso disponível em 07 de março de 2019.

FILHO, Kleber Prado; MARTINS, Simone. A Subjetividade como objeto das psicologias. *Psicologia & sociedade*, V.19, N. 3, pp. 14-19, 2007. Acesso disponível em 07 de março de 2019.

JACQUES, Maria da Graça Correa; STREY, Marlene Neves. *Psicologia Social Contemporânea*; Ed.Vozes. São Paulo: Harbra, 21^a ed. 2016.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2. ed. 7. São Paulo: Ed. 34, 2007.

OLIVEIRA; ARAUJO; FIGUEIREDO. *Redes e mídias sociais*. 2^a ed. Revisada e ampliada, 2017.

SANTAELLA, L. *Corpo e comunicação. Sintoma da cultura*. São Paulo: Vozes, 2010. Acesso disponível em 07 de março de 2019.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: nova fronteira 2008.